

Muniz Sodré: o comum de uma escola disruptiva feita por mãos de axé

Muniz Sodré: the common of a disruptive school made by the hands of axé

RIBAMAR JOSÉ DE OLIVEIRA JUNIOR^a

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro — RJ, Brasil

RESUMO

No sentido de acompanhar a cartografia do pensamento de Muniz Sodré na Comunicação, apresento uma resenha do livro *Muniz Sodré: uma escola disruptiva*, organizado por Zilda Martins/Marcello Gabbay, e publicado pela Mauad X em 2022. A obra, dividida em 5 partes e com 24 capítulos, reúne crítica, entrevista, crônica e depoimento no ritmo de uma síncopa pelo lugar comum do encontro. Entre Brasil, América Latina e do Norte, África e Europa, os autores celebram os 80 anos do sociólogo, jornalista e professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro através do que ecoa em disrupção que se faz desde do terreiro, pelo corpo e do menor gesto que escreve por mãos de axé e se desdobra como *Arkhé* por vir.

Palavras-chave: Muniz Sodré, comunicação, cultura, comum, Arkhé.

ABSTRACT

Following the cartography of Muniz Sodré's thoughts on Communication, I present a book review of *Muniz Sodré: uma escola disruptiva*, organized by Zilda Martins/Marcello Gabbay and published by Mauad X (2022). The work, divided into 5 parts/24 chapters, brings criticism, interviews, chronicles and testimonies in the rhythm of a syncopation for the common place of the encounter. Across Brazil, Latin and North America, Africa and Europe, the authors celebrate the 80th year of this sociologist, journalist and Professor Emeritus of the Federal University of Rio de Janeiro, through what echoes in disruption made from the terreiro, through the body and the smallest gesture that is written by the hands of axé and unfolds as *Arkhé* to come.

Keywords: Muniz Sodré, communication, culture, common, Arkhé.

^a Professor Substituto e pós-doutorando FAPERJ Nota 10 da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5607-2818>. E-mail: ribamar.junior@eco.ufrj.br.

INTRODUÇÃO

“ESTE LIVRO NÃO é uma homenagem”, diz a primeira linha da Apresentação da obra *Muniz Sodré: uma escola disruptiva*, organizado por Zilda Martins e Marcello Gabbay e publicado pela Editora Mauad X no ano de 2022. Parafraseando o surrealista Magritte, os autores ainda insistem que o livro não é nem mesmo uma coletânea tradicional. Afinal, o que seria essa obra sobre Muniz Sodré? Um livro sobre um pensamento ou uma sabedoria. Não é à toa que a obra retoma o campo da Comunicação a partir de quem o tece pelo que há de comum, sendo publicado no mesmo ano que este pensador celebrou 8 décadas de vida. Nordestino, baiano, sociólogo, jornalista, escritor, professor Emérito da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), catedrático do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP), imortal da Academia de Letras da Bahia (ALB) e primeiro obá do terreiro de candomblé Axé Opô Afonjá, Muniz Sodré contribuiu para a episteme da Comunicação no Brasil a partir do “através” por uma escola disruptiva. Foi Presidente da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) entre 2003 e 2009, órgão vinculado ao Ministério da Cultura (MinC), recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2008, a Medalha de Reconhecimento pela sua participação no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES) em 2010, a Medalha Tiradentes e o Prêmio Marielle Franco de Direitos Humanos em 2022. Atualmente é colunista da Folha de S. Paulo e possui cerca de 40 livros publicados nas áreas de Comunicação Social, sendo o seu último lançamento a obra *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*, publicado pela Editora Vozes em 2023, onde fundamenta a ideia de “racismo institucional” no Brasil.

A proposta do livro é fazer de Muniz Sodré a bússola de um mapa comunicacional em movência. Seja como jovem pesquisador na Sorbonne, em Paris, logo depois de maio de 68, quando assistiu à última aula de Roland Barthes e dividiu assento com os colegas Baudrillard e Maffesoli, seja como pensador da política cultural brasileira com reuniões ao lado de Gilberto Gil e Juca Ferreira, seja até mesmo na vista do seu apartamento no Cosme Velho com as visitas de Lázarus Ramos, João Bosco e tantas outras personalidades. Distante de um memorial, a obra faz da crítica, crônica, entrevista e depoimento um modo de evocar a obra de Muniz em sua atualidade.

Para entender a proposta do livro, os autores levam seus leitores a um breve percurso pelo pensamento sodreriano desde *O monopólio da fala* (1982), que marca o primeiro livro de Muniz sobre a crítica da mídia. Desde então, o que ele fez em *A comunicação do grotesco* (1983) e *Televisão e Psicanálise* (1987) foi

ampliar o debate em torno da linguagem televisiva por uma ótica sociológica. Em *O terreiro e a cidade* (1998) e no *Samba, o dono do corpo* (1998), o autor enuncia a corporalidade pelo território e mostra como os vínculos são de ordem comunicacional na construção do popular. O pensar nagô ainda começa em *Claros e Escuros* (1999), embora se ramifique por toda sua obra por uma filosofia afro. Porém os organizadores consideram *Antropológica do espelho* (2002) uma das grandes contribuições do autor, sendo os anos 2000 um período em que o pensamento de Muniz alça voo com mais firmeza, a citar *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política* (2006) e *Reinventando a educação* (2009). Na década seguinte, ao passo que *A narração do fato* (2012) propõe rever o mito de uma suposta objetividade jornalística *A ciência do comum* (2014) reorienta o nosso campo comunicacional. Em *Pensar nagô* (2017) encontramos a possibilidade de pensar a comunicação de modo transcultural, pela *Arkhé* como origem e destino, passagem que continua. Nos últimos lançamentos, ele explorou o racismo e a sociedade, tanto em *Sociedade Incivil* (2022), sendo esta uma obra que marca o período importante em que o autor vence a covid-19, quanto em *O fascismo da cor* (2023).

Da mesma forma que o pensamento nagô, o livro possui uma travessia continental de um conjunto de autores das regiões do Brasil e de países das Américas Latina e do Norte, da África e da Europa. Dessa forma, o livro possui 5 partes divididas a partir de cada continente e 24 capítulos dispostos por cada autor em seus respectivos países. Na primeira parte, existe uma subdivisão entre as cinco regiões do Brasil, abrindo pelo eixo Sudeste com os capítulos de três professores da ECO-UFRJ, o professor Marcio Tavares D'Amaral em “Muniz Sodré e a Filosofia”, onde explora a base filosófica das reflexões do autor, o professor Mohammed ElHajji em “Retrato de um Homem-orquestra”, no que aponta a presença de Muniz como “autor-orquestra” por sua capacidade de estranhamento e de maravilhamento entre mundo e teoria, e o professor Eduardo Granja Coutinho que em “Muniz Sodré: a regência da alegria” traz a ideia de “regência da alegria” como um protesto contra a miséria real, citando Caetano Veloso ao falar do samba encanto de um gozo festivo e profundo. Em seguida, a gestora Anelise Pacheco em “Um Vento Sagrado” e a ex-aluna Raquel Souza em “Eu sou porque Muniz é” mostram o legado do autor como um “mais velho” que abriu caminho para estudantes, mestres e doutores. O texto de Dênis de Moraes da Universidade Federal Fluminense (UFF) intitulado “O intelectual crítico na cena pública”, enfatiza a intelectualidade de um autor que não aceita contemplar o céu à espera de chuva e faz chover. O professor Emérito da ECO-UFRJ, Emmanuel Carneiro Leão, em “A violência hoje” revisita uma publicação anteriormente escrita para os 70 anos do autor no Seminário Semana Muniz

Sodré que houve em 2013 na UFRJ, explorando a dimensão da violência a partir da visão sociológica do autor.

Na segunda parte do eixo Sul, Juremir Machado Silva da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) abre com a reflexão “Fato e narrativa na obra de Muniz Sodré”, focando na dimensão jornalística a partir da narrativa do acontecido, e Antônio Faustino Neto da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) em “Trajetos: o *bios* midiático, a guerra e a realidade da construção” traz o conceito de *bios* midiático para pensar o real em disputa. Pelo eixo Centro-Oeste, as autoras Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e Simone Tuzzo da Universidade Federal de Goiás (UFG) em “Entre Muniz e Picasso: o espetáculo da incivilidade”, discutem o grotesco pelo telejornalismo diante da base da civilidade entre a sociedade e o Estado. Além disso, Venício A. de Lima da Universidade de Brasília (UnB) traz em “Breve memória de um passado presente” os encontros com Muniz pelas lembranças que remontam o legado do autor. No Nordeste, Antonio Albino Rubim e Linda Rubim da Universidade Federal da Bahia (UFBA), centram em “Muniz Sodré: estudioso de culturas” as modalidades culturais tecidas na cultura afro-brasileira. Noamar Almeida Filho, também da UFBA, em “Muniz Sodré e a ecologia de saberes: notas para pensar a crise da universidade” fala do pensamento do autor como mobilizador de uma “protopia”, ou seja, um tipo de projeto realista e viável que pode alcançar uma utopia menor. Por fim, no eixo Norte, Otacílio Amaral Filho da Universidade Federal do Pará (UFPA) articula em “Os artifícios da cultura e da resistência pelo pensamento criativo” uma “cultura amazônica midiaticizada” com base na *Arkhé* enquanto Manuel Dutra, também da UFPA, traz uma entrevista com Muniz Sodré em “O jornalismo em rede ainda é uma sociedade de máscaras”, refletindo sobre o nosso futuro com o jornalismo nas redes.

Na parte dois, focada em autores da América Latina, Javier Protzel e María Teresa Quiroz da Universidade de Lima no Peru escrevem no texto homônimo “Muniz Sodré” lembranças de um dos momentos que tiveram com o autor em um terreiro de candomblé. Já Luciano Arcella das Universidade de L’Aquila na Itália e da Universidade del Valle na Colômbia ensaia sobre Odisseu e Polifemo em “As prejudiciais verdades de Odisseu”, tendo em vista o pensamento de Muniz em perspectiva. A terceira parte sucede através da América do Norte, a iniciar pelos Estados Unidos com a contribuição de John Murungi da Towson University em “Muniz Sodré: a *philosophical observation*/Muniz Sodré: uma observação filosófica”, onde desenvolve a observação filosófica a partir da corporeidade, tão cara às reflexões de Muniz. Em “O efeito Muniz Sodré: uma homenagem quixotesca” Eduardo Neiva da Alabama University retoma uma correspondência com Muniz, quando ele perguntou o que achava sobre Dom Quixote no mundo

contraditório de Cervantes. Desde África, a quarta parte do livro começa com o texto “O pensamento de Muniz Sodré e as lutas sociais contemporâneas” do escritor João Melo que de Angola reflete sobre as lutas sociais encarnadas nas obras de Muniz, como o próprio antirracismo e o papel da comunicação em dialogar com as pontes identitárias.

A quinta e última parte, centrada na Europa, inicia da França com o texto “*Un anthropologue pas comme les autres/Um antropólogo não como os outros*” do sociólogo e ex-diretor do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) Henri Pierre-Jeudy, em que traz um dos momentos quando Muniz o disse que estava escrevendo sobre alegria por um ritmo que escapava a narrativa construtora de teoria. Em “*Moralisme dramatique et éthique tragique/Moralismo dramático e ética trágica*”, do sociólogo e professor Emérito da Sorbonne Michel Maffesoli, o autor evoca a amizade e a presença de Muniz em pensamento: “sou, em seu sentido forte, apenas um amador, mas não é isso que vivemos e o que vemos no Candomblé e em outras expressões dos cultos afro-brasileiros dos quais Muniz, ele sim, é um verdadeiro e profundo conhecedor?” (Maffesoli, 2022, p. 312). Em Portugal, José Rebelo do Instituto Universitário de Lisboa em “Os media e a inscrição social da ideia de crise” traz o debate sobre o conceito de minoria como a voz do dissenso e a ideia de crise. Por fim, a autora Márcia Sá Cavalcante Schuback da Universidade de Södertörn na Suécia em “Sobre o axé da *Arkhé*” pontua a ideia de *Arkhé* de Muniz a partir da metáfora do nó entre vírgula, travessão, interrogação, como um tipo de respiração de um corpo ancestral.

Portanto, quando releio esses autores que refletem sobre Muniz Sodré, percebo que percorri um mapa feito não só por ele, mas por todo um pensamento coletivo que se faz no ritmo da alegria enquanto regência. Aliás, olho para minha estante e de toda obra dele me vejo afetado por *Pensar Nagô* (2017), abro o livro e relembro que um dia ele o assinou com a seguinte dedicatória: “com mãos de axé”. Não hesito em pensar que essa escola disruptiva chamada Comunicação se faz por uma mão que se move pela sabedoria. “A proposta de comunicação como uma ciência do comum significa a produção de saber com sabedoria, fala com diálogo, ação com pausa e reflexão: um campo de sentido transitivo, reconhecível pelo Outro” (Sodré, 2023, p. 27). Embora termine essa resenha, vejo que o pensamento de Muniz Sodré continua e perpetuará pela leveza de um atabaque, pela virada de um jogo de búzios e pelo corpo que se perfaz no gesto de um aprendiz que sempre terá a *Arkhé* como norte de algo desconhecido, mas perto como o comum ao redor. ■

R

Muniz Sodré: o comum de uma escola disruptiva feita por mãos de axé

REFERÊNCIAS

- Maffesoli, M. (2022). Moralismo dramático e ética trágica. In Z. Martins & M. Gabbay (Eds.), *Muniz Sodré: Uma escola disruptiva* (pp. 289–302). Mauad X.
- Sodré, M. (2017). *Pensar nagô*. Vozes.

Artigo recebido em 23 de março de 2024 e aprovado em 17 de agosto de 2024.